

# ALGORITMIZAR A LÍNGUA? AUTOMATIZAÇÃO, INFORMATIZAÇÃO, MATERIALISMO DISCURSIVO

Guilherme Adorno\*  
UNIVÁS

**Resumo:** *O objetivo deste trabalho é compreender o funcionamento das dificuldades e dos obstáculos decorrentes dos procedimentos automáticos no desenvolvimento da teoria discursiva. Para esta tarefa, o material de análise é composto pelos textos analíticos resultados do projeto da Análise Automática do Discurso (AAD). A pesquisa toma o prisma de investigação da História das Ideias Linguísticas na relação com os princípios da Análise de Discurso, buscando o funcionamento discursivo do material em sua relação com os processos político-ideológicos nas suas formas institucionais, disciplinares e textuais. Na releitura do arquivo disciplinar, cotejando com algumas notas, relatos e contextualizações, são descritos aspectos menos conhecidos sobre a história da AAD, mostrando a força do que é designado neste artigo como um “materialismo discursivo” desenvolvido também pelo seu encontro com a automatização/informatização.*

**Abstract:** *The objective of this paper is to understand the functioning of difficulties and obstacles from automatic procedures in the development of the discursive theory. For this task, the analysis material is composed by the analytical texts of the Automatic Analysis of Discourse (AAD) project. The research takes the investigative prism of the History of Linguistic Ideas in relation with the principles of Discourse Analysis, seeking the discursive functioning of the material in its relationship with the political-ideological processes in their institutional, disciplinary and textual forms. In the rereading of the disciplinary archive, collating with some notes, reports and contextualizations slight known aspects of the history of AAD are described, showing the strength of what is designated in this paper as a “discursive materialism” developed also by its encounter with automation / informatization.*

## 1. Introdução

Entendo que a leitura como problemática, levando Michel Pêcheux a produzir uma obra fundadora, é uma convocação política: é preciso ousar ler! É justamente a ousadia de ler um certo percurso na Análise de Discurso que me coloco nessa escrita: ler uma história da Análise Automática do Discurso! Uma ousadia porque existem riscos, tomadas de posição e confronto material. Uma ousadia também porque não é uma tradição de leitura no Brasil, talvez até estigmatizada, pouco compreendida e muito julgada. Ainda uma ousadia porque sou interpelado desde meus primeiros passos na Análise de Discurso a ler desse lugar: o garoto da matemática que encontrou o discurso (ainda que, como matemático, poucas vezes tenha me deparado com o saber computacional).

Esta leitura é resultado de uma parte da minha pesquisa de pós-doutorado, realizada no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), entre 2016 e 2018, sob a supervisão de Suzy Lagazzi, a quem agradeço pela já eterna parceria intelectual cheia de afetos.

De início, explícito que meu interesse pela análise automática não é o de relançar um projeto contemporâneo de informatização na Análise de Discurso (apesar de considerar uma iniciativa desse tipo como legítima), mas trata-se de um interesse epistemológico e político em compreender o embate entre uma teoria materialista e os procedimentos formais. Não irei, portanto, detalhar todos os meandros da proposta de automatização, mas recorrerei a eles na medida em que a análise exigir uma descrição mais específica.

Investigar a história da Análise Automática do Discurso implica na desmontagem de sua sistematicidade, apurando os mecanismos que constroem esse “todo” informático. Minha proposição é, sem desconsiderar os outros constituintes, indagar pelo mecanismo que mais interessa à Linguística: a ligação entre teoria e análise da língua. Tendo em vista, portanto, tanto o trabalho sobre a língua quanto a relação teoria e análise nos procedimentos algorítmicos, formulei, como para a pesquisa de pós-doutorado, o seguinte problema: *Que sentidos de língua são mobilizados na relação entre uma teoria materialista e análises formais nos procedimentos da Análise Automática de Discurso proposta por Michel Pêcheux entre o final dos anos 1960 e início de 1980?*

Para este artigo, a partir dessa ampla pergunta, trago apenas um recorte com o objetivo de *compreender o funcionamento das dificuldades e dos obstáculos decorrentes dos procedimentos automáticos no desenvolvimento da teoria discursiva*, deixando outros aspectos da pergunta para publicações futuras.

Para o embasamento da pesquisa, assumo o prisma de investigação da História das Ideias Linguísticas (HIL) tal como é estudada no Brasil a partir da cooperação com Universidades e Centros de Pesquisa da França, particularmente através do “Laboratoire d'Histoire des Théories Linguistiques”, fundado por Sylvain Auroux. Esta área tem apresentado produtivos trabalhos, tanto no Brasil, quanto na França, sobre diferentes processos de disciplinarização e institucionalização nos estudos da linguagem (CHISS; PUECH, 1999; ORLANDI, 2001; ORLANDI; GUIMARÃES, 2002; LAGAZZI-RODRIGUES, 2002; LAGAZZI-RODRIGUES, 2007; FERREIRA, 2013; PFEIFFER, 2014). No Brasil, é patente a relação profícua entre HIL e AD, de modo que seus conceitos também são afetados pela maneira de significar teoricamente o discurso.

O material de estudo é composto por textos analíticos de Michel Pêcheux em que o uso dos procedimentos algorítmicos está explicitado, assim como os textos que trazem, de modo tematizado, formulações teóricas sobre a análise automática, sem perder de vista os textos sobre a teoria do discurso, teoria das ideologias e prática política. A metodologia privilegia o trabalho com os textos analíticos, sendo que os textos teóricos são retomados ao estabelecerem relações intertextuais e/ou interdiscursivas com os textos analíticos.

## **2. A autoria de um projeto de automatização**

Com formação em filosofia na École Normale Supérieure de Paris, Michel Pêcheux encontrou justamente nos departamentos e seminários de Linguística (particularmente com Antoine Culioli e Jean Dubois), uma maneira de trabalhar questões da história e da política, sem cair em uma instrumentação que, para ele, seria “ingênua”, “idealista” e “não científica” (MALDIDIER, 2003; MAZIÈRE, 2007; HENRY, 2010). Pêcheux formulou, assim, a Análise Automática do Discurso, projeto desenvolvido em sua tese de doutorado, defendida em 1968 e parcialmente publicada em 1969. O “Automático” é uma referência aos algoritmos que compunham algumas etapas analíticas, mas que ganhou

programação utilizável apenas em 1971, com a formulação informática desenvolvida pelo filósofo em parceria com Philippe Duval (LEON, 2010). Em 1975, a revista *Langages* (volume 9, número 37) publicou um texto que revia alguns aspectos abordados em 1969 e já denunciava uma decalagem entre a teoria e a análise (PÊCHEUX e FUCHS, 1975). A partir de 1975, os procedimentos informatizados desenvolvidos até então foram gradativamente se mostrando pouco produtivos, sendo, até o final da década de 1970, parcialmente abandonados por Pêcheux e a equipe por ele formada (PÊCHEUX et al, 2010). No entanto, o fundador da Análise de Discurso não descartou totalmente o projeto de uma possível análise automática e, ainda no início nos anos de 1980, acaba por organizar outra equipe para desenvolver os novos algoritmos da Análise de Discurso (uma parceria que tinha como protagonistas Jean-Marie Marandin, dedicando-se à produção dos algoritmos, e Alain Lecomte, responsável pela relação entre AD e a Matemática, na forma de uma “topologia discursiva”) que, apesar do avanço da pesquisa, não ganhou sua forma técnica e aplicável até a morte do autor, em dezembro de 1983 (MAZIÈRE, 2007).

Na França, o trabalho de Pêcheux foi gradativamente desaparecendo a partir da década de 1990 (COURTINE, 2006), diferentemente do modo como os estudos discursivos se realizaram no Brasil, onde o interesse foi crescente, com equipes de pesquisa formadas em diferentes regiões do País (SCHERER *et al*, 2014), merecendo destaque o trabalho de Eni Orlandi, no IEL/UNICAMP, que tanto se empenhou em traduzir a obra de Pêcheux e avançar na discussão da Análise de Discurso. Importantes trabalhos já foram publicados sobre a relação da área com outros autores e disciplinas, como com Foucault, com Althusser e com a Psicanálise, recorrentes nas escritas de dissertações e teses da área. No entanto, apesar da referência sempre presente aos algoritmos informatizados, é quase inexistente trabalhos de ampla circulação que os tomaram como objeto de estudo na *história da AD*. Considerando teoria e análise como uma relação constitutiva, uma especificidade encontrada em parte das teorias linguísticas, sobretudo a partir dos elementos descritivos da língua, decidi explorar a *abordagem discursiva dos procedimentos automáticos* no meu pós-doutoramento.

O fato de os procedimentos informatizados não estarem presentes no modo como a AD é praticada no Brasil é um indício da diferença instituída pelos processos de institucionalização e disciplinarização da

AD. Se tomarmos “a instituição como uma organização discursiva resultante de processos e percursos de institucionalização dos sentidos” (LAGAZZI-RODRIGUES, 2007, p. 12), a compreensão do projeto informático de Pêcheux pode fornecer elementos para o maior entendimento de alguns desdobramentos da AD em território brasileiro, ao mesmo tempo em que pode assinalar as formas como as teorias (linguísticas, sociais e informáticas) da época eram esquadrihadas nos algoritmos.

Considerarei que o foco específico no modo como a língua é mobilizada, teorizada e analisada no projeto de Pêcheux traz subsídios para a reflexão de uma singularidade da Linguística em algumas de suas diferentes áreas. “Na sua incompletude constitutiva, a língua configura um espaço político. E o saber que se constrói sobre ela delimita trajetões, propõe continuidades, silencia percursos” (LAGAZZI-RODRIGUES, 2007, p. 11). É o trabalho específico com a língua que deu a Pêcheux os elementos para problematizar os procedimentos formais da análise, como quando se perguntou pela ambiguidade e os riscos da pura representação lógica.

Quanto à recusa histórica de toda linguagem lógica de representação a priori, parece cada vez mais justificada no domínio da informática em ciências humanas, face ao alargamento previsível da influência das línguas lógicas de referentes unívocos, importados do domínio das ciências naturais, das tecnologias industriais ou dos dispositivos de gestão-controle administrativos (PÊCHEUX, 2011, p. 281).

Apesar de se voltar para um programa bem delimitado que é a Análise Automática do Discurso de Michel Pêcheux, a pesquisa de pós-doutorado obrigatoriamente convocou a área da Linguística em geral, porque o próprio filósofo francês não pretendeu fundar uma outra teoria linguística, mas dialogar com a área por um caminho arenoso, com a dificuldade implicada em virtude da sua diversidade. Gramática Gerativo-Transformacional, Sociolinguística, Linguística Textual, Semântica Formal, Semântica Enunciativa e Pragmática são apenas alguns dos campos de contato estabelecidos por Pêcheux em uma perspectiva crítica. Crítica aqui não significa, no entanto, recusa ou descarte. O trabalho de Noam Chomsky, por exemplo, algumas vezes

lido na história da AD como em oposição, incompatível ou uma relação impensável com as propostas de Pêcheux, é constantemente referenciado, de 1969 a 1983 (PÊCHEUX, 1969<sup>1</sup>; 1975; 2011; GADET e PÊCHEUX, 2010), o que mostra a atenção de Pêcheux para a produtividade do autor norte-americano para compreender a materialidade própria da língua através da análise sintática. Não se poderia chegar, por outro lado, à interpretação simplória que relataria uma apropriação da teoria gerativa. Como já afirmei, trata-se de uma relação crítica que implicou um trabalho cuidadoso de Pêcheux e seu grupo. A Gramática Gerativa era “menos o objeto de empréstimos formais, conceituais ou metodológicos do que a designação de um horizonte teórico estimulante” (GADET *et al*, 2010). No entanto, para este trabalho, trago mais a frente apenas um recorte que coloca em jogo a teoria e o método de um professor de Chomsky: a busca pelas “equivalências” de Harris.

A perspectiva de investigação adotada aqui acompanha os preceitos apontados por Lecourt (1980) ao questionar a unidade, sempre uma fabricação imaginária, das práticas científicas, buscando olhar, para além das referências significadas como evidentes, a historicidade da ciência como um percurso em movimento, não linear e contraditório e, a um só tempo, uma prática demandada pelo efeito de autoria, isto é, pelo efeito de consistência e continuidade do trabalho científico:

[...] ao atribuir a este conjunto [das práticas científicas] a unidade dum todo, este pressuposto ‘desfaz’ – anula imaginariamente – a realidade destas práticas, que reside na sua **distinção** – tendo cada uma respectivamente um objeto, uma teoria e protocolos experimentais específicos – e no seu **desenvolvimento desigual** – tendo cada uma a sua história particular. Afirmamos que é a própria realidade destas práticas que é, deste modo, dissimulada, pois não existem fora do sistema que constituem. Ora, este sistema, longe de se desenvolver sob o signo da calma identidade que se lhe pretende conferir, só tem ele próprio realidade pelas diferentes contradições que as disciplinas teóricas, que aí estão representadas, mantêm entre si. É o entrelaçamento destas contradições que dá forma à sua **história** (LECOURT, 1980, p. 11, grifos do autor).

Ao lado da perspectiva epistemológica de Lecourt, o conceito que desenvolvi sobre *composição autoral* (ADORNO de OLIVEIRA, 2015; ADORNO, 2017) sustenta a leitura discursiva dos textos de Michel Pêcheux. Este é um modo de estudar a autoria em suas diferentes práticas, inclusive a científica, colocando em relevo o jogo contraditório que constitui toda textualização. Entendo a composição autoral justamente como a composição equívoca de posições-sujeito e/ou de diferentes materialidades funcionando sob um efeito imaginário de unidades concomitantes de texto e de autor. No caso da autoria científica, esse efeito imaginário de unidade é ainda mais resistente pela força legitimadora, histórica e política, que um *nome de autor* pode ter no interior de uma disciplina, protegida pelas práticas institucionais sedimentadas.

Assim, destaco algumas consequências de uma leitura discursiva que considere os apontamentos anteriores:

1) Como não é trabalhada a intenção do autor como determinante para a produção do sentido, meu gesto tenta deslinearizar a argumentação e explicação teórica de Michel Pêcheux nos textos analisados. E intenção aqui não se confunde com o desejo. Aquilo que move o sujeito não se formula como tal em um projeto (teórico ou político), mas produz efeitos outros.

2) Não trato a temporalidade dos textos em uma progressão evolutiva do pensamento, como, por exemplo, a consideração de que os textos sobre a chamada 3º época da AD são “mais desenvolvidos” que o da chamada 1º época. Não se trata de trabalhar nem com o “mais desenvolvido” e nem a separação estanque entre “épocas”.

3) Não considero o arquivo de textos separados em blocos a priori. É pelo dispositivo analítico que regularidades e diferenças podem ser compreendidas na relação com a pergunta, materiais e recortes delimitados.

4) Contradição e equívoco são constitutivos, como em todo discurso. Porém, eles são balizados por esse efeito imaginário de unidade, produzindo certas dominâncias de sentidos e não outras. As forças da unidade e da contradição podem mudar de acordo com as práticas autorais. A contradição discursiva, portanto, se materializa tanto na relação com a conjuntura político-ideológica, quanto com o

funcionamento institucional e com efeito (imaginariamente e simbolicamente eficaz ou não) da autoria.

### **3. Análise Automática do Discurso: muitas histórias, vários arquivos**

A pergunta apresentada anteriormente já enuncia um primeiro recorte do estudo: os sentidos de língua nos procedimentos formais da AAD, isto é, nos algoritmos. Como explica Pêcheux (2011, p. 278), o projeto da AAD constituiu um esforço em levar “a linguística moderna a sério”. São observadas, por exemplo, quais categorias linguísticas (morfológicas, sintáticas, enunciativas, semânticas e discursivas) são eleitas como entrada para o tratamento algorítmico (palavra-pivô, sinonímia, anáfora, determinação do verbo, paráfrase, metáfora, etc.). Um método aqui mobilizado busca recuperar os princípios e diretrizes de um trabalho discursivo. Esta leitura analítica fornece as regularidades que dizem respeito às circunstâncias em que os estudos sobre a língua são reclamados nos algoritmos. Uma problematização do vínculo entre procedimentos informáticos, leitura e interpretação, um dos focos teorizados na AAD:

Os procedimentos informatizados visam antes a intervir de maneira regulada sobre o gesto espontâneo ou culto de leitura. Propondo ao olhar leitor recortes heterogêneos do texto a ler, atraindo-o a considerar os níveis opacos à ação de um sujeito (sintaxe, léxico, enunciado), uma Análise de discurso pode mudar a natureza do gesto de leitura: não mais um gesto globalizante no qual a interpretação se confunde com o reconhecimento, mas vários gestos nos quais a interpretação se efetua na tensão. Não se trata de leitura plural na qual um sujeito joga, multiplicando os pontos de vista possíveis para nela melhor reconhecer-se, mas de uma leitura na qual o sujeito é, ao mesmo tempo, despossuído e responsável pelo sentido que ele lê (PÊCHEUX e MARANDIN, 2011, p. 113-114).

Se o objeto analítico é tomado como os sentidos de língua mobilizado pelos algoritmos no projeto da AAD, quais textos selecionar? Como fazer um trabalho de arquivo? De certo modo, esta é uma pesquisa possível hoje devido à disponibilização digital de alguns

textos, antes de circulação restrita e de difícil acesso, tanto no Brasil quanto na França, e também pelo fato de o Laboratório de Estudos Urbanos (Labeurb) da Unicamp manter o Fundo Michel Pêcheux, com alguns textos não publicados no Brasil. Ainda existe o amparo de trabalhos que, na história da AD, se indagaram sobre a relação entre teoria e análise, proporcionando uma base de estudos já realizados nos quais são importantes para este meu empreendimento (MAINGUENEAU, 1976; MAINGUENEAU, 1997; MARANDIN, 1979, BONNAFOUS, 1983; LIMA, 1990; COURTINE, 2009).

Esse conjunto de “textos **sobre o** projeto da AAD” aponta para uma falta de acesso a vários “textos **do** projeto da AAD”. Ademais, meu próprio gesto é afetado pelo encontro com um outro arquivo: com o Institut Mémoires de l’Édition Contemporaine (IMEC), próximo a Caen, na França, em 2014, durante meu doutorado-sanduíche. No instituto, tive contato com muitas notas de trabalho, relatórios, projetos de novos algoritmos e centenas de páginas com impressões dos resultados dados pelo programa utilizado na AAD. Consegui ler apenas uma pequena parte e a cópia era proibida. Mais lacunas nessa relação com o arquivo.

No entanto, cair na evidência documental seria ceder justamente a uma posição conteudista ou historiográfica que toma o arquivo como pedra-de-toque do real. O arquivo é sempre lacunar, ou, para retomar Barbosa Filho (2016), um intervalo entre um acontecimento e uma textualização. Trata-se, simultaneamente, de um encontro e um hiato entre uma pergunta de pesquisa e um arquivo faltante. É a materialidade lacunar do arquivo que delimitará as (im)possibilidades da pergunta e das interpretações sustentadas pela descrição. É o encontro com esses arquivos, heterogêneos e não permanentes, que produziu, de certo modo, o incômodo primeiro da pesquisa: que formulações sobre o automático são essas que permanecem desconhecidas?

Não se trata de buscar o “objeto perdido”, mas reconhecer teoricamente o estatuto lacunar do arquivo. Há consequências para a análise. O procedimento trabalha com os rastros que ficam na materialidade significativa do (encontro com o) arquivo, com a descrição vigorosa que transforma o corpo interpretativo. No intervalo entre o acontecimento e a textualização, as marcas são deixadas no arquivo. Cabe ao analista tentar compreendê-las a partir da (des)montagem, da trituração, do recorte discursivo.

Antes de especificar um recorte, exploro um pouco a história da AAD textualizada por Michel Pêcheux. Um dos textos mais citados do autor para falar da AAD, além do próprio livro fundador, é justamente aquele que separa a disciplina em três épocas, a partir do qual o signifiante “maquinaria discursiva” ganhou reverberação disciplinar. Não é esse texto que escolho para este percurso. Como não pretendo esgotar a complexidade dessa narrativa, limito-me a trazer pontos que me chamaram atenção para o seu efeito de raridade e de ineditismo que produziram em mim e, talvez, possa produzir para outros leitores brasileiros. Nesta releitura do arquivo disciplinar, o cotejo com algumas notas, relatos e contextualizações escritas por Jacqueline Léon (2010; 2015) foram primordiais para confrontar interpretações sobre a história da análise automática.

### **3.1 Formulação da análise automática: anedotas históricas outras**

Após segunda guerra mundial, os computadores, não digitais, eram utilizados no campo da linguagem principalmente em dois domínios: a tradução automática e a documentação automática (LÉON, 2010; 2015). Apesar de estes serem os horizontes experienciais no início do projeto, sobretudo pela proximidade com os laboratórios de Psicologia Social, Michel Pêcheux pouco a pouco se afastou destas aplicações para se aproximar da linguística estrutural e construir seu próprio método de automatização pela formalização linguística.

Antes da publicação do *Analyse Automatique du Discours*, segundo Léon (2010), Pêcheux apresentou e discutiu o trabalho ao menos em dois grupos institucionais diferentes: durante um dos cursos que ministrou, ao lado de Paul Henry, no *Enseignement Préparatoire à la Recherche Approfondie en Sciences Sociales* (EPRASS) e também com um grupo de trabalho no *Centre d'Etudes de Traduction Automatique* (CETA). Ao mesmo tempo que esses dois lugares deram aparato institucional, eles mostram uma característica que vai permanecer no empreendimento de Pêcheux: uma prática científica realizada coletivamente.

Posteriormente à publicação de 1969, o investimento foi colocar os algoritmos para funcionarem. Somente dois anos depois, em parceria com Philippe Duval, que os algoritmos formulados por Pêcheux na AAD ganharam um programa informático em *linguagem de programação FORTRAN IV*, uma das mais avançadas e utilizadas pelos

cientistas que se arriscavam na aventura computacional nessa época (LÉON, 2010; 2015; PÊCHEUX, 1976).

Ressaltar o uso de *FORTRAN IV* não é apenas anedota historiográfica, porque ela se caracteriza por ser uma linguagem de programação procedural/procedimental, isto é, no caso da AAD, impunha uma determinação material que impedia certos usos de recursividade, deixando a fase automática mais linear e mais sequencial. Somado ao fato de que os computadores ainda dependiam de cartões perfurados, o que era um desgaste manual grande e pouco chamativo para as Ciências Humanas (ROBIN; ADORNO, 2019), a análise apresentava limites visíveis e que incomodaram desde o princípio. Pêcheux ressalta, na tradução espanhola da AAD69, publicada em 1976, que esses problemas já compunham um projeto de melhoria futura desde antes dos algoritmos se tornarem informatizados. Uma melhoria impossível de se concretizar com as ferramentas existentes naquele momento (PÊCHEUX, 1976; PÊCHEUX et al, 1982).

No texto de “Advertência” escrito para a edição espanhola, Pêcheux (1976) assinala que o texto de 1969 ensaiou um primeiro contato com a linguística, mas que não se deveria encarar as proposições realizadas como soluções definitivas. Ele afirma, no presente daquela data, que o sistema de análise sintática estava em constante “re-elaboração”, reconhecendo que as incoerências terminológicas só poderiam ser superadas por uma total reestruturação linguística, porém, faltando ainda um caminho longo para percorrer até atingir esse objetivo. Ao final da advertência, o autor reitera o “caráter inacabado” do trabalho.

Em uma nota acrescida na edição espanhola, Pêcheux (1976, nota 98, p. 140-141) demonstra a insatisfação constante em relação ao esquema dos oito lugares morfo-sintáticos baseado na teoria da lexis de Culioli por sua estabilidade estrutural e pouco produtividade para uma análise discursiva. Ele cita a nova versão dos algoritmos que Cl. del Vigna produziu e que poderia colaborar com essa dificuldade em relação à análise sintática. Já no texto de 1969 está marcada a necessidade de uma “gramática de reconhecimento do francês” que viria a colaborar com a automatização também de uma análise sintática, desde o início realizada manualmente, que fosse mais favorável para uma análise discursiva. O projeto dessa gramática nunca foi finalizado, apesar dos anos de dedicação, como relatou Paul Henry (2019).

Com a programação em funcionamento, vieram as publicações de algumas análises. Considero relevante listar os textos citados por Michel Pêcheux (1976) como resultado de análises baseadas no procedimento descrito pela AAD 69, visto que, em sua maioria, são trabalhos não traduzidos e pouco conhecidos, muitas vezes levando à falsa conclusão de que Pêcheux se dedicou à teoria e não realizou análises.

- M. Pêcheux : *Étude expérimentale de conditions déterminant la plausibilité d'une théorie psychologique* ;
- Cl. Haroche e M. Pêcheux : *L'étude expérimentale de l'effet des représentations sociales sur la résolution d'une épreuve logique à présentation variable* ;
- G. Gayot e M. Pêcheux : *Recherches sur le discours illuministe au XVIII<sup>e</sup> siècle: Louis-Claude de Saint- Martin et les circonstances* ;
- M. Pêcheux e J. Wesselius : *A propos du mouvement étudiant et des luttes de la classe ouvrière; trois organisations étudiantes en 1968* ;
- G. Gayot : *Discours fraternel et discours polémique.*

Além destes, ainda é citado um outro texto não publicado até aquele momento:

- M. Pêcheux, P. Henry, J.-P. Poitou e Cl. Haroche: *Un exemple d'ambiguïté idéologique: le Rapport Mansholt*

Essas pequenas anedotas históricas, em seu conjunto, formam uma regularidade discursiva importante para compreender a história da Análise Automática do Discurso: *uma posição inconformada com os limites da automatização* desde as primeiras publicações e os primeiros resultados, tendo como consequência a *busca incessante de alternativas para sanar as dificuldades*, ao mesmo tempo que há um registro de insatisfação com o possível daquele momento. Um trecho de um pequeno texto apresentado em um colóquio realizado em 1973 me parece significativo em relação a esta regularidade:

contra a ideia de uma prática definitivamente fixada em um ritual que refletiria um dogma (eu uso essas palavras de propósito), parece útil certamente enumerar as mudanças que foram realizadas e aquelas que estão previstas, mas também designar as transformações de natureza global que podem e devem ser consideradas (tradução minha, Pêcheux, 1974, p. 11).

De certo modo, o trecho acima é sintoma de uma posição materialista fundamental: a teoria e o procedimento devem se transformar na medida em que a materialidade é confrontada. Reconhecimento do erro, insatisfação com o resultado, crítica da premissa e retificação são formas do Materialismo lutar contra o Idealismo que insiste em tomar o “pensamento teórico” (PÊCHEUX, 1975).

### 3.2 Um automático não automatizado

Vejam os mais de perto uma breve captura analítica com vistas a apresentar algumas considerações que poderiam ser levadas para os outros textos analíticos de Pêcheux em relação ao trabalho de segmentar o corpus para fornecer as entradas para o programa informático.

No texto *Recherches sur le discours illuministe au 18e siècle: Louis-Claude de Saint-Martin et les “circonstances”*, publicado em 1971, na revista *Annales*, Pêcheux e Gayot buscaram analisar a obra *Portrait historique et philosophique*, escrita por Louis-Claude de Saint-Martin, na França do final do século XVIII. O objetivo dos autores foi compreender o modo como a ambiguidade entre o discurso iluminista e o discurso religioso-cristão se manifestava no texto de Saint-Martin, com a hipótese de que tal análise permitiria compreender também algumas condições de produção da passagem da Formação Social Medieval para a Formação Social Capitalista. Os autores assim formulam:

nós visamos aqui o tratamento de um discurso-monólogo, em um estado definido e dominante das condições de produção, este estando no trabalho com o processo discursivo pela imagem que Saint-Martin tem de sua própria situação e daquela dos destinatários de sua mensagem... na medida em que ele se dirige a eles (PÊCHEUX; GAYOT, 1971, p. 683, tradução nossa).

Pêcheux e Gayot (1971, p. 684, tradução nossa), ao delimitarem a entrada analítica pela ambiguidade patente em diferentes textos de Saint-Martin, isto é, “um combate para a promoção e a liberação do indivíduo e um convite imperativo para a submissão a Deus deste ‘menor em privação’ de conhecimento que é a criatura humana”, elaboram as seguintes questões: “o Portrait conservaria os traços da duplicidade inerente ao pensamento de Saint-Martin? Quais eram, no nível da organização do discurso, as condições de possibilidade desta duplicidade? Se, enfim, esta condição estava duravelmente e de maneira dominante em ação no Portrait, qual era sua função?” (PÊCHEUX; GAYOT, 1971, p. 684, tradução nossa). Na disposição do procedimento analítico, são circunscritas três fases distintas e consecutivas: 1) análise sintática das sequências; 2) o tratamento automático do corpus de sequências sintaticamente analisadas; 3) e a interpretação das substituições colocadas em evidência no interior do corpus pelo tratamento automático. Para este breve recorte, nos deteremos em algumas passagens da primeira para a segunda fase da análise de Pêcheux e Gayot (1971).

Na primeira fase, “para cada unidade do corpus, começa-se por recortar a sequência em frases, em função da pontuação” e, posteriormente, “analisa-se esta frase em proposições, identificando as relações de dependência que ela conservam entre elas, o que permite, eventualmente, reestabelecer a ordem canônica mudando a proposição principal em questão” (PÊCHEUX; GAYOT, 1971, p. 688, tradução nossa). Os autores apresentam um exemplo desse procedimento, mostrando, primeiramente, a sequência discursiva recortada respeitando a ordem sintática contida no texto tomado como material e, em seguida, a desintagmatização da referida sequência:

*Portrait, paragraphe 396. « J’ai senti dans cette circonstance combien les hommes étaient aveugles de solliciter les emplois publics, puisque cela les plaçait dans des positions qui les condamnaient à ne pas croire à l’honnêteté. »*

Imagem 1: sequência discursiva recortada respeitando a ordem sintática contida no texto tomado como material

**J'ai senti dans cette circonstance**

**QUE**

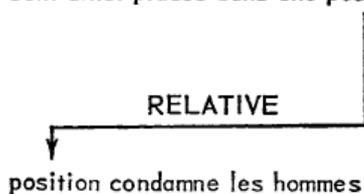
**les hommes sont aveugles**

**SI**

**les hommes sollicitent les emplois publics**

**PARCE QUE**

**les hommes sont ainsi placés dans une position**



**A CE QUE**

**les hommes ne croient pas à l'honnêteté**

Imagem 2: Desintagmatização da sequência anterior

Segundo Pêcheux e Gayot (1981, p. 689, tradução nossa), “observa-se pela análise em proposições que as modificações introduzidas (sobre o conteúdo de certas conjunções e sobre o tempo de certos verbos) deixam intactos os substantivos, verbos e adjetivos tal qual eles aparecem na sequência”. No entanto, se nos atentarmos para os aspectos modificados, compreendemos que a desintagmatização do texto original transforma as orações com o propósito de obter a “ordem canônica”, isto é, a ordenação sintática marcada com “Sujeito, Verbo e Predicado”. O objetivo é fornecer as categorias de entrada analítica no interior do algoritmo. Este procedimento de transformação da sequência pela desintagmatização acaba por não explorar outros funcionamentos morfossintáticos que poderiam ser relacionados com os funcionamentos discursivos, como a topicalização, a variação lexical, as anáforas, a modalização (enunciativa) e o modo como as

orações relativas aparecem materializadas no texto de análise (e não após a transformação sintática). Críticas que serão, posteriormente e parcialmente, formuladas em Pêcheux e Fuchs (1975).

Depois de obtida as orações, “as proposições são então descompostas, por sua vez, em enunciados elementares (unidade mínima de asserções) de maneira a conduzir ao esquema seguinte, em que os enunciados são munidos de seu número de identificação no corpus” (PÊCHEUX; GAYOT, 1971, p. 689, tradução nossa):

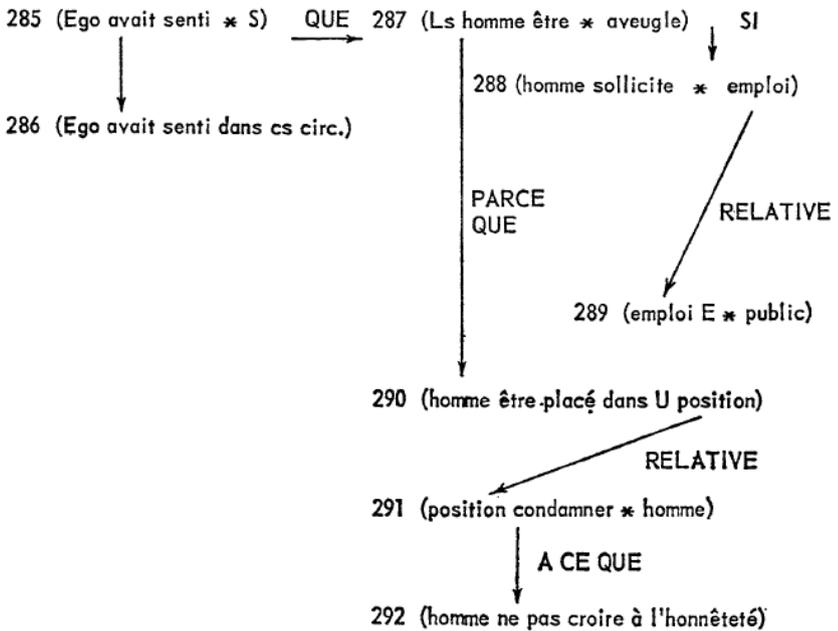


Imagem 3: Esquema de enunciados munidos do número de identificação no corpus.

**Remarques :**

- Le signe \* représente la place vide de la préposition, absente en français devant le complément d'objet direct,
- La lettre S représente l'image, dans l'énoncé 285, de la complétive, constituée par l'énoncé 287,
- Le signe E représente le verbe être en tant qu'il fonctionne comme simple copule, dans le cas de l'adjectivation par exemple.

Imagem 4: Anotações sobre o significado de alguns elementos do esquema anterior.

Para o tratamento automático deste grafo, os autores estabelecem um código numérico que identifica as relações binárias e, com os resultados obtidos com o trabalho do algoritmo, começa a fase interpretativa da análise. Não irei explorar aqui o seguimento dos procedimentos metodológicos com o corpus, porque a problemática de estudo já está apresentada. Os recortes elencados mostram pistas do que analisamos de maneira mais consequente com o conjunto dos textos de Pêcheux.

Ao delimitar, por um lado, a desintagmatização de uma sequência discursiva para fornecer as entradas que serão tratadas pelo algoritmo e obter como saída interpretativa as formas gramaticais, e, por outro, o princípio teórico de homogeneidade das condições de produção, Pêcheux exclui uma parte da materialidade sintática e enunciativa, isto é, o encadeamento que lhe é próprio e também o trabalho com as heterogeneidades discursivas. Conclusões apresentadas pelas próprias retificações do autor, como as que estão explicitadas parcialmente no texto já citado de Fuchs e Pêcheux (1975) e em Pêcheux (1975; 2010).

O que me parece importante, no que concerne ao procedimento de pesquisa, é observar a maneira como as fases de análise foram realizadas para compreender as aberturas deixadas neste texto, isto é, não assumir a priori a racionalização do autor nos textos de retificação como explicação única da prática teórica e analítica, mas também trabalhar as falhas e aberturas e seus efeitos em tais práticas.

Quando Pêcheux e Gayot (1971) afirmam que não é possível realizar a análise de uma só sequência, mas sim pela relação estabelecida entre várias delas, os autores também sustentam uma importante compreensão discursiva da linguagem: o processo de deslocamento do sentido [teoricamente formulado também como “efeito metafórico” em Pêcheux (1969)] só pode ser “capturado” nas relações estabelecidas entre diferentes sequências discursivas, mais tarde trabalhado a partir das “paráfrases discursivas” (PÊCHEUX;FUCHS, 1975).

O trabalho das transformações das orações pela desintagmatização vão colocar um problema também para os resultados fornecidos pelo programa informático. O conjunto de análises realizadas por Pêcheux em suas parcerias (com Haroche, Gayot e Wesselius) mostraram como a busca pelas “classes de equivalência” segundo a teoria de Harris não

era suficiente para a análise discursiva. Ao chegar na fase de interpretação (não-automática) dos resultados fornecidos pela fase automatizada, as “classes de equivalência” agrupadas pelos chamados “domínios semânticos” não davam conta de explicitar um funcionamento “qualificado” para além de uma paráfrase linguística.

Como mostra o suplemento do anexo 4 da AAD69, inédito no Brasil e presente apenas na edição espanhola, Pêcheux (1976, p. 211, tradução minha) mostra que é justamente a partir da análise da fase informatizada que se chegou a um refinamento sobre as “substituições contextuais” em termos de “sinonímia não orientada” e “sinonímia orientada”: “a noção de subsequências semanticamente equivalentes é demasiado restritiva para dar conta dos efeitos de paráfrases obtidos mediante o cálculo”. É, então, que ele propõe (1976, p. 212) diferenciar dois tipos de relações: as substituições do tipo *equivalência* (não orientadas ou simétricas) e as substituições do tipo *implicação* (orientadas ou não-simétricas). Com essa diferenciação, surge a necessidade de acrescentar ao programa informático a possibilidade de fornecer os chamados “hiperdomínios”, que poderiam conter um conjunto de “domínios semânticos”

É possível ler ali os indícios e proximidades com o que posteriormente passaria a ser chamado de efeitos do interdiscurso. Ainda que não formulada teoricamente e analiticamente como efeito de pré-construído e discurso transversal, nem mesmo sob outro conceito ou nome, a transformação das orações pela desintagmatização já é um procedimento que torna possível visibilizar relações entre o assertado (presentificado) e o não-assertado (uma ausência presente) das frases (seqüências discursivas).

Também pelo confronto material com a desintagmatização, formas sintáticas como as relativas foram apresentando impasses para a transformação das sentenças em entradas (de dados) para os algoritmos do programa, visto que a deslinearização, seguida da re-linearização, mostrava uma perda de elementos (que poderiam afetar a produção dos sentidos).

Um último ponto ainda a se destacar sobre esse embate com a desintagmatização, uma demanda técnica do próprio programa informático, e que mescla as considerações anteriores: ao trabalhar para fornecer a entrada (de dados) do programa e ao interpretar a saída (de dados) do programa, Pêcheux (1976) e Pêcheux e Fuchs (1975) já

apontavam a possibilidade e necessidade de ter uma *reversibilidade dos dados*, ou seja, essa “saída” fornecida poderia se tornar novamente “entrada”, mas isto não era realizado automaticamente, porque a linguagem de programação ainda não tinha essa opção. Esse jogo entre “começo” e “fim” da análise pode ser uma paráfrase do que, posteriormente, justamente no texto sobre as três épocas, vai ser chamada de uma *análise em espiral*.

#### **4. Entre automatizações, um materialismo discursivo!**

São poucos textos disponíveis que tratam do projeto de uma nova Análise Automática do Discurso, constantemente designada nesses raros textos de AAD80<sup>2</sup>. Um ponto essencial dessa nova análise automática é o encontro com os trabalhos de Pierre Plante sobre o DEREDEC (PÊCHEUX *et al*, 1981), um programa de leitura automática de textos. Textos e não discursos. Não faz parte do escopo deste artigo trabalhar a especificidades do novo projeto, mas quero destacar algumas possibilidades que o DEREDEC passou a oferecer:

1) O lugar de uma nova definição de análise sintática. Com a chamada “gramática de superfície” do DEREDEC, os casos de ambiguidade poderiam ter outro tratamento pelo que ficou designado como uma “sintaxe interativa”.

2) Um tratamento dos textos com recursividade, ou seja, aquilo que era oferecido como “saída de dados” do programa poderia servir novamente como “re-entrada”, tirando a sequencialidade da análise e deixando-a em um movimento sem marcação exata de “início” e “fim”.

3) A confecção de múltiplos algoritmos que trabalhassem, simultaneamente, com várias dimensões do texto, divididos inicialmente em dois tipos inter-relacionados: horizontais (trabalhando com o “fio do discurso” em um sistema mais complexo de lugares de enunciação e disposição retórica) e verticais (trabalhando com a série de enunciados que pertenceriam à várias sequências anteriores, remetendo, de certo modo, às dimensões históricas do discurso). Jean-Marie Marandin era o principal responsável por coordenar a formulação dos novos algoritmos.

4) Uma atenção maior ao desenvolvimento de uma “morfologia discursiva” ao lado do que já vinha sendo trabalhado como “topologia discursiva” para que as sequências discursivas fossem reagrupadas e

distribuídas pelas heterogeneidades das formas pertencentes a diferentes aspectos da língua.

5) Consideração de um item lexical ou um enunciado como um ponto em uma rede de formulações ou enunciados.

Ainda poderiam ser levantadas outros elementos que compunham o projeto da AAD80, porém, destaco esses justamente por mostrarem uma relação com as falhas da AAD69 e que eram reconhecidas como tais e justificadas pelos limites técnicos da linguagem de programação e das máquinas utilizadas até então: a gramática de superfície, a recursividade, os múltiplos algoritmos, a morfologia heterogênea e a rede de enunciados já eram pontos elegidos como hipóteses de trabalho desde os primeiros trabalhos resultantes da análise automática. Portanto, considero que, nas diferenças e deslocamentos entre os dois projetos, há também uma repetição de uma problemática que se manteve, guiada por certos princípios discursivos. Ao mesmo tempo, as limitações fizeram olhar para materialidade da língua de outro modo. A transformação manual dos textos em sequências para fornecer as entradas do programa exigiram uma repetição do exercício parafrástico, apresentando as impossibilidades de realizar uma paráfrase com o mesmo sem mostrar o diferente. Conceitos como os de *paráfrase discursiva*, *pré-construído*, *discurso transverso* e *interdiscurso* também são efeitos desse confronto árduo com a materialidade da língua exigidos pelo processo de automatização. Trata-se de um processo de automatização que é uma formalização como um modo de trabalho consequente com a forma, mais ainda, a forma-material. É nesta direção que se pode dizer que a automatização/informatização teve efeitos teóricos tanto quanto os estudos vindos do Materialismo Histórico, da Linguística e da Psicanálise. Não há teoria sem prática!

Assim, não tomo a posição de ler a linearidade das três épocas da AD (PÊCHEUX, 2010), mas como estas épocas podem ser consideradas como formações teóricas que atravessam diferentes períodos delimitados no tempo cronológico, mas não no tempo discursivo. Um jogo entre continuidades e descontinuidades, em relações equívocas e contraditórias da prática teórica e analítica da AD. Um modo de compreender as continuidades e descontinuidades dos sentidos de língua que atravessam o projeto da Análise Automática do Discurso.

Não quero com isso dizer que esses são os únicos fatores que levaram às formulações teóricas que tanto sustentam nossa prática científica, mas ressaltar como o procedimento informático, para além de uma “maquinaria discursiva” homogeneizadora fez também trabalhar a força significativa da língua, fez trabalhar sua materialidade. Uma teoria materialista não se sustenta apenas por um jogo de formulações teóricas, mas, para não ceder ao idealismo, precisa, necessariamente, se ancorar na materialidade. É preciso ousar ler o *materialismo discursivo* para além das falsas seguranças de uma epistemologia apartada da materialidade da prática científica. Nesse sentido, não há, nunca houve e nunca haverá uma posição materialista pura ou acabada, porque não existe um “começo ou término absoluto” para o materialismo, porque não há teoria materialista universal e porque a materialidade não é estática, não cessa de se transformar.

### Referências bibliográficas

- ADORNO DE OLIVEIRA, G. (2015). *Discursos sobre o eu na composição autoral dos vlogs*. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Estadual de Campinas. Campinas.
- ADORNO, Guilherme. (2017). Sujeito, autoria e as materialidades significantes. In: ADORNO, G; JESUS, F. T. *Análise de Discurso*. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., p. 83-122.
- BARBOSA FILHO, F. R. (2016). Língua, arquivo, acontecimento: trabalho de rua e revolta negra na Salvador oitocentista. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Estadual de Campinas. Campinas.
- BONNAFOUS, S. (1983). Processus discursifs et structures lexicales: le congrès de Metz (1979) du Parti socialiste. In : *Langages*, v. 71.
- CHISS, J.-L.; PUECH, C. (1999). *Le langage et ses disciplines*. Paris, Bruxelles: Duculot.
- COURTINE, J.-J. (2006). *Metamorfozes do discurso político: as derivas da fala pública*. São Carlos: Claraluz.
- \_\_\_\_\_. (2009). *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar.
- FERREIRA, A. C. F. (2013). *Uma história da lingüística: entre os nomes dos estudos da linguagem*. Campinas: RG Editores.
- HENRY, P. (2010). Os fundamentos teóricos da análise automática do discurso de Michael Pêcheux (1969). IN: HAK, T.; GADET, F. (Orgs.).

- Por uma análise automática do discurso*: uma introdução a obra de Michael Pêcheux. 4 ed. Campinas: Editora da Unicamp.
- HENRY, P.; ADORNO, G. (2019). Entrevista com Paul Henry: “Nunca conseguimos encontrar nosso lugar nessas instituições”. In: ADORNO, G. et al. (Orgs.). *Encontros na Análise de Discurso*: efeitos de sentidos entre continentes. Campinas: Editora da Unicamp, p. 205-244.
- LAGAZZI-RODRIGUES, S. (2002) A Língua Portuguesa no processo de institucionalização da lingüística. In: GUIMARÃES, E.; ORLANDI, E. (Orgs.) *Institucionalização dos Estudos da Linguagem*: a disciplinarização das idéias lingüísticas. Campinas: Pontes, p. 13-22.
- \_\_\_\_\_. (2007). O Político na Lingüística: Processos de representação, legitimação e Institucionalização. In: ORLANDI, E. (Org.). *Política Lingüística no Brasil*. Campinas: Pontes, p. 11-18.
- LECOURT, D. (1980). *Para uma crítica da epistemologia*. 2 ed. Lisboa: Assírio e Alvim.
- LEON, J. (2010). AAD69 : archéologie d’une étrange machine. In : *Semen* [Online], n 29, 2010. Disponível em < <http://semen.revues.org/8823> >, acesso em 29 set 2015.
- \_\_\_\_\_. (2015). *Histoire de l’automatisation des sciences du langage*. Lyon : ENS Éditions.
- LIMA, M. E. A. T. (1990). *A construção discursiva do povo brasileiro*: os discursos de Primeiro de Maio de Getúlio Vargas. Campinas: Editora Unicamp
- MALDIDIER, D. (2003). *A inquietação do discurso*: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Campinas: Pontes.
- MAINGUENEAU, Dominique (1976). *Initiation aux méthodes de l’analyse du discours*: problêmes et perspectives. Paris: Hachette.
- \_\_\_\_\_. *L’Analyse du Discours*. (1997). Paris: Hachette, 2 ed.
- MARANDIN, J.-M. (1979). Problêmes d’analyse du discours: essai de description du discours français sur la Chine. *Langages*, 55.
- MAZIÈRE, F. (2007). *A Análise de Discurso*: história e práticas. São Paulo: Parábola, 2007.
- ORLANDI, E. (Org.). (2001). *História das idéias lingüísticas*: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional. Campinas: Pontes; Cáceres: Unemat Editora, 2001.
- ORLANDI, E.; GUIMARÃES, E. (Orgs.). (2002). *Institucionalização dos Estudos da Linguagem*: a disciplinarização das idéias lingüísticas. Campinas: Pontes.

- ORLANDI, E. (Org.). (2007). *Política Lingüística no Brasil*. Campinas: Pontes.
- PÊCHEUX, M. (1969). *Analyse automatique du discours*. Paris: Dunod.
- \_\_\_\_\_. (1974). Sur l'AAD. In : OPPEL, Y. Colloque sur L'Analyse du Discours : Divergences e Convergences. Neuchâtel : Université de Neuchâtel, p. 9-12.
- \_\_\_\_\_. (1975). *Les vérités de la palice*. Paris: Maspero.
- \_\_\_\_\_. (1976). *Hacias el Análisis Automático del Discurso*. Madrid: Editorial Gredos.
- \_\_\_\_\_. (2010). A análise de discurso: três épocas. In: GADET, F. HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, p. 307-315.
- \_\_\_\_\_. (2011). Análise de Discurso e Informática. In : PÊCHEUX, Michel. *Análise de discurso: textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi*. Campinas: Pontes, p. 275-282.
- PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. (1975). Mises au point et perspectives à propos de l'analyse automatique du discours. In: *Langages*, n. 37, 1975.
- PÊCHEUX, M. ; LÉON, J. ; BONNAFOUS, S. ; MARANDIN, J.-M. (1982). Présentation de L'Analyse Automatique du Discours (AAD69). In : *MOTS*, p. 95-123.
- PÊCHEUX, M.; GAYOT, G.; (1971). "Recherches sur le discours illuministe au XVIIIe siècle : Louis-Claude de Saint-Martin et les « circonstances »". In: *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 26e année, n. 3-4, p. 681-704.
- PÊCHEUX, M.; WESSELIUS, J. (1977). A Respeito do Movimento Estudantil e das Lutas da Classe Operária: 3 Organizações Estudantis em 1968. In: ROBIN, Régine. *História e Lingüística*. São Paulo: Cultrix.
- PÊCHEUX, M.; HAROCHE, C.; HENRY, P.; POITOU, J.-P. (1979). Un exemple d'ambiguïté idéologique: le rapport Mansholt. *Technologies, Idéologies, Pratiques*, 2, p. 1-83.
- PFEIFFER, C. R. C. (2014). Percursos de institucionalização da Língua Portuguesa e de um saber sobre ela: conhecimento linguístico, Estado, sociedade. In: Bressanin, J. A.; Zattar, N.; Karim, T. M.; Renzo, A. M. Di. (Org.). *Linguagem e Interpretação: a institucionalização dos dizeres na história*. 1ed. Campinas: RG Editora, v. 1, p. 87-102

ROBIN, R.; ADORNO, G. Entrevista com Régine Robin: “Uma crítica da História, uma vontade de saber como os linguistas que se interessam pelo discurso trabalham”. In: ADORNO, G. et al. (Orgs.). *Encontros na Análise de Discurso: efeitos de sentidos entre continentes*. Campinas: Editora da Unicamp, p.139-159.

SCHERER, A. E.; ROMAO, L. M. S.; Medeiros, V; SILVEIRA, V. F. P. (2014). O lugar dos estudos franceses na constituição de uma memória da Análise de Discurso no Brasil. *Letras (UFSM)*, v. 48, p. 13-28.

**Palavras-chave:** Análise Automática do Discurso, História da Análise de Discurso, Materialismo Discursivo.

**Keywords:** Automatic Analysis of Discourse, History of Discourse Analysis, Discourse Materialism.

## Notas

---

\* Professor dos Programas de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem e em Educação na Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVAS). Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

<sup>1</sup> Agradeço à Bruna Delgado por ter tornado acessível para mim uma das minhas consultas ao livro em francês.

<sup>2</sup> Eu e Claudia Pfeiffer temos um projeto de tradução de um conjunto de textos que fazem parte desta história da Análise Automática do Discurso com o intuito de favorecer as condições de circulação dos textos que tratam da formalização, da informatização e da automatização para os leitores brasileiros.